

ADOECIMENTO DOCENTE NO CONTEXTO DA PLATAFORMIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE WILHELM REICH.

Autora e apresentadora: [Jaqueline Camargo Brisola](mailto:jaqueline.brisola@unesp.br). Co-autora: Prof^ª Dr^ª Jéssica Raquel Rodeguero Stefanuto. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. jaqueline.brisola@unesp.br, jessica.stefanuto@unesp.br.

Eixo temático: Ciências Sociais, Filosofia e Educação Escolar

TEACHER ILLNESS IN THE CONTEXT OF PLATFORMIZATION: WILHELM REICH CONTRIBUTIONS

Resumo: Wilhelm Reich, psicanalista austro-húngaro pioneiro do Freudo-Marxismo, argumentava que as estruturas socioeconômicas e o autoritarismo moldam o psiquismo, materializando-se no corpo por meio da repressão libidinal. No cenário educacional atual, essa opressão ganha contornos específicos com a plataformação do ensino, que introduz infraestruturas digitais e lógicas algorítmicas no cotidiano escolar. Sob essa ótica, o adoecimento docente deixa de ser uma falha puramente individual, revelando-se como reflexo de um encouraçamento libidinal intensificado pelo ambiente tecnológico. A plataformação reconfigura o processo educativo com base na lógica neoliberal de monitorar, quantificar e padronizar as ações de professores e alunos, transformando a aprendizagem em mercadoria. Esta pesquisa teórico-bibliográfica analisa o avanço desse fenômeno e o adoecimento de professores à luz das contribuições de Reich. Os resultados apontam que o sistema intensifica a vigilância, impõe metas exaustivas e fragmenta o tempo pedagógico, destruindo a criatividade. O comportamento estático diante das telas provoca engessamento físico-motor e cansaço sensorial. As interações tornam-se empobrecidas e mediadas por ferramentas mecânicas (como chats e emojis), reduzindo o diálogo e a afetividade, as quais são essenciais à educação. Esse cenário parece converter a aula em um monólogo exaustivo, gerando isolamento e forte sentimento de inutilidade pedagógica no docente.

Palavras-chave: plataformação; adoecimento docente; Wilhelm Reich.

Abstract: Wilhelm Reich, an austro-hungarian psychoanalyst and a pioneer of Freudo-Marxism, argued that socioeconomic structures and authoritarianism shape the psyche, materializing in the body through libidinal repression. In the current educational landscape, this oppression takes on specific contours with the "platformization" of teaching, which introduces digital infrastructures and algorithmic logics into everyday school life. From this perspective, teacher illness are no longer viewed as purely individual failures, but rather as a reflection of libidinal armoring intensified by the technological environment. Platformization reconfigures the educational process based on the neoliberal logic of monitoring, quantifying, and standardizing the actions of teachers and students, transforming learning into a commodity. This theoretical-bibliographic research analyzes the advancement of this phenomenon and the resulting illness among teachers in light of Reich's contributions. The results indicate that the system intensifies surveillance, imposes exhausting targets, and fragments pedagogical time, destroying creativity. Static behavior in front of screens causes physical-motor rigidity and sensory fatigue. Interactions become impoverished and mediated by mechanical tools (such as chats and emojis), reducing the dialogue and affectivity, which are essential to education. This

scenario seems to turn the classroom into an exhausting monologue, generating isolation and a profound sense of pedagogical uselessness in the educator.

Key words: platformization; teacher illness; Wilhelm Reich.

INTRODUÇÃO:

Nos anos mais recentes, são crescentes os dados sobre adoecimento dos professores em função do trabalho. Casos extremos de morte de professores em ambiente de trabalho também figuram como exemplos de que o sofrimento docente vinculado ao trabalho tem se intensificado de forma brutal. Não por acaso, o Estado do Paraná, pioneiro na implementação da plataforma da Educação e que posteriormente avançou também para São Paulo, aparece como lócus de situações extremas (MEIRELES; ADÃO, 2025).

Mapeamentos dessa situação têm dado corpo a essa percepção de intensificação da precarização do trabalho e adoecimento docente:

“O levantamento revela que de janeiro a setembro de 2025 foram registradas 25.699 licenças médicas concedidas a docentes da rede estadual por transtornos mentais e comportamentais (CID-10), o que representa 95 afastamentos por dia.” (BERNARDO, 2025).

Apesar de tentativas como esta de levantamento de dados, Salvagni *et al* (2025) refere em seu artigo que “a ausência de indicadores sobre a saúde do trabalhador deve ser tratada enquanto um resultado relevante.” E levanta a pergunta: “A quem interessa a falta de dados concretos sobre o trabalho por plataforma?”

A partir da pandemia de Covid-19, a plataforma se intensificou no cenário educacional sob a justificativa de ser uma medida de segurança sanitária. No entanto, a intensa digitalização da vida e dos processos educacionais não foi interrompida com o fim da pandemia - pelo contrário, novas justificativas como a de facilitação e uma suposta ampliação do acesso às tecnologias e um senso de progresso tecnológico foram implantados. As medidas, antes consideradas emergenciais diante dos riscos sanitários, foram paulatinamente penetrando no cotidiano de trabalho em contexto educacional, sem questionamentos sobre se ainda fazia sentido ou não manter o modelo de educação platformizada.

Além disso, é possível observar com frequência em canais de comunicação o discurso de que o uso da tecnologia por si só seja um progresso da sociedade, pouco discutindo e indagando de forma crítica os limites éticos-políticos de seu uso e os impactos na sociedade.

A relevância deste questionamento, entre outros fatores, é o de que:

(...) a tecnologia pode ter um impacto negativo se for inadequada ou excessiva. Dados de avaliações internacionais em larga escala, tais como os fornecidos pelo Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Programme for International Student Assessment – PISA), sugerem uma correlação negativa entre o uso excessivo das

Tecnologias de informação e comunicação (TIC) e o desempenho acadêmico. Descobriu-se que a simples proximidade de um aparelho celular era capaz de distrair os estudantes e provocar um impacto negativo na aprendizagem em 14 países (UNESCO, 2023).

É nesse contexto que a presente pesquisa, um recorte de uma investigação maior de dissertação de Mestrado, visa a levantar possíveis contribuições de Wilhelm Reich para pensar criticamente o contexto moderno de adoecimento docente no trabalho pedagógico em ambiente plataformizado.

Aqui não se pretende uma discussão a partir de recortes situacionais específicos, mas um debate a partir dos indícios de que a plataformização seja uma atualização do autoritarismo para o século XXI por meio da opressão sobre o trabalho docente alicerçado à constante vigilância e avaliação de sua performance, assim como os possíveis reflexos sobre sua saúde e o processo de adoecimento.

O aporte teórico escolhido para a presente discussão é o do psicanalista austro-húngaro Wilhelm Reich, uma vez que destacou-se por ser um dos pioneiros do Freudo-Marxismo, articulando a psicanálise à crítica marxista (REICH, 1979 [1929]).

O interesse advém de que:

“Marx considerou que a vida social é governada pelas condições da produção econômica e pela luta de classes que resulta dessas condições, numa determinada época da história. (...), Mas a estrutura do caráter do homem atuante, o chamado ‘fator subjetivo da história’, no sentido marxista, não foi investigada, porque Marx era sociólogo e não psicólogo, e porque, na sua época, não havia uma psicologia científica.” (REICH, 2001b [1933], p. 23/24).

Portanto, em sua perspectiva crítica, Reich argumentava que a opressão social e o autoritarismo não são conceitos abstratos, mas se materializam na subjetividade e no corpo por meio da repressão libidinal e seu ancoramento no corpo biológico do trabalhador, ou seja, as estruturas socioeconômicas moldam diretamente o psiquismo.

No cenário educacional atual, essa opressão parece ganhar contornos específicos com a plataformização do processo educativo. Longe de ser um fenômeno estritamente de desenvolvimento tecnológico, é também a imposição de sistemas digitais de gestão do ensino, constituindo-se como uma nova forma de autoritarismo sistêmico.

Em última instância, parece haver uma transição da autoridade pedagógica do docente para um autoritarismo algorítmico, que consiste na penetração de infraestruturas digitais e lógicas algorítmicas no cotidiano escolar que estrutura as subjetividades segundo a lógica tecnocrata neoliberal. Logo, não se pode compreender o processo de adoecimento docente tão

somente como falha individual, mas como reflexo de um encouraçamento libidinal tensionado pela plataformização dos processos educativos:

“Tal como um método, a Psicologia Política reichiana implica na compreensão dos elementos ideológicos (refletidos nos conteúdos morais, na organização sócio-política e modelo econômico) que regulam a vida pulsional e por consequência produzem estruturas de caráter cuja função existencial seria manter essa sociedade - seja ela qual for.” (MACÊDO JUNIOR; ALMEIDA, 2024).

Assim sendo, a premissa central da presente pesquisa é de que este modelo neoliberal de ensino tecnocrático - centrado na técnica, na eficiência e na preparação para o mercado de trabalho - tecnicista e tecnológico e o aumento do sistema de vigilância e submissão à opressão dos comandos do *software* causam um fenômeno de invasão no cotidiano de trabalho e na subjetividade do docente. Invasão esta que alguns autores, como Faustino e Lippold (2023), têm identificado como colonialismo digital ou extrativismo de dados.

Embora discutir essa dimensão colonial não seja o foco deste trabalho, vale dizer que esta invasão extrativista tem a capacidade de diminuir ou suplantar a habilidade autorregulatória da energia libidinal do docente por meio da repressão libidinal, tendo como possíveis efeitos a fragmentação do tempo subjetivo e pedagógico, a destruição da capacidade criativa, a alienação do próprio processo de trabalho, assim como a redução do diálogo e da afetividade - próprios ao processo de ensino-aprendizagem junto aos alunos. Significa dizer que o modelo plataformizado de trabalho docente parece estar atuando como forte fator patogênico no trabalho docente.

OBJETIVO:

O presente trabalho tem como objetivo central levantar as contribuições de Wilhelm Reich para pensar criticamente o contexto moderno de adoecimento docente no trabalho pedagógico em ambiente plataformizado.

METODOLOGIA:

Este trabalho é uma discussão que faz parte de uma pesquisa maior, ainda em andamento. Aqui, faz-se um recorte teórico-bibliográfico propondo uma interpretação do adoecimento docente no contexto da crescente plataformização do trabalho, a partir dos conceitos de Wilhelm Reich, principalmente o de Economia-Sexual que, para o autor, é a compreensão da mente (psico) e do corpo (soma) como uma unidade funcional, capaz de

autorregular a energia libidinal por meio de sua expansão e relaxamento, evitando sintomas neuróticos e tensões corporais (REICH, 1981 [1927]).

Um diálogo com métodos quantitativos neste trabalho permite mapear a frequência com que os dados referentes ao adoecimento docente expressam. E o método qualitativo permite a análise dos dados obtidos, em uma tentativa de compreender mais profundamente o fenômeno estudado e a possibilidade de uma interpretação crítica.

O recorte temporal dos dados levantados é referente ao período de 2020 a 2025. O período escolhido foi devido à maximização do processo educativo plataformizado em decorrência da pandemia de Covid-19. Também em definição neste momento, para a obtenção de dados referentes ao adoecimento docente, independente da identificação da causa central, serão coletados dados obtidos em veículos de comunicação e em portais de informações institucionais.

A plataformização do ensino vai além do simples uso de computadores ou da internet nas aulas. Representa a reconfiguração do processo educativo a partir da lógica neoliberal de quantificar, monitorar e padronizar as ações dos docentes e dos alunos, transformando a relação de ensino-aprendizagem em um fluxo constante de dados, alterando profundamente a dinâmica da sala de aula. (GARBIN *et al*, 2025).

A plataforma como novo modelo de repressão autoritária:

Em sua obra *Psicologia de Massas do Fascismo* (2001b [1933]), Wilhelm Reich identifica que o autoritarismo prospera onde há a supressão da vitalidade e a promoção do pensamento mecânico e fragmentado. A partir da observação de que o processo de ensino-aprendizagem vem ocorrendo de modo fragmentado por meio de cliques, telas e métricas, o que, em última instância leva também a uma fragmentação psíquica, a presente pesquisa considera possível inferir que o controle algorítmico do ambiente pedagógico age como um sistema autoritário.

Parece plausível considerar que a plataformização do ambiente de trabalho docente seja um desdobramento moderno da estrutura autoritária, na qual o *software* assume a função de controle fundamentalmente coercitivo, pois impera um sistema autoritário do manejo pedagógico. O *software*, por sua vez, tampouco é neutro e foi desenhado pelo trabalho humano para servir a um determinado fim, a partir de uma certa lógica - que poderia ser outra.

Referente à fragmentação psíquica, é possível observar sua ocorrência visto que há um aumento da dificuldade de desenvolvimento do pensamento crítico e da falta de autonomia (base da saúde psíquica) docente. A criatividade vai sendo substituída pelo

preenchimento de campos, dados e informações. Este tipo de estrutura de trabalho tem consequências na estruturação psíquica, pois treina o sujeito a obedecer a um padrão pré-determinado por um aparato e uma lógica externos a ele.

Vale ressaltar que, para Reich, a sociedade autoritária não se sustenta apenas por força externa, mas também pela internalização da autoridade na estrutura caractereológica do indivíduo, levando-o a compactuar com tal sistema. “Mas como o homem, seja qual for a classe social a que pertença, não é apenas objeto dessas influências, mas também as reproduz em suas atividades, o seu modo de pensar e agir deve ser tão contraditório quanto a sociedade que lhe deu origem.” (2001b [1933], p. 17).

Do outro lado, o autoritarismo depende da abstração e do medo daquele que é submetido. O atual levantamento bibliográfico leva a questionar se os docentes inseridos neste contexto pedagógico plataformizado estariam passando por este processo interno de abstração e medo, pois que, não cumprir a suposta qualidade de ensino mediado por plataformas, ocasionaria um senso de trabalho desqualificado ou inclusive penalizações e demissões devido não ter supostamente cumprido com o conteúdo de ensino que lhe é imposto a executar. Neste contexto, o docente internaliza a necessidade de ‘bater metas’ previstas pelo *software* para ser validado pelo sistema ou para não perder o seu emprego, fazendo com que a autoridade passe a ser o próprio fluxo de dados que o docente é obrigado a cumprir.

“(…) A repressão da satisfação das necessidades materiais tem resultados diferentes da repressão das necessidades sexuais. A primeira leva à revolta, mas a segunda impede a rebelião contra as *duas* espécies de repressão ao reprimir os impulsos sexuais, retirando-os do domínio do consciente e fixando-os como defesa moral. (...) O resultado é o conservadorismo, o medo da liberdade (...). (REICH, 2001b [1933], p. 29).

Logo, a plataforma não é apenas uma ferramenta de trabalho, mas um mecanismo político de dominação que utiliza a tecnologia para perpetuar estruturas de submissão. O controle algorítmico constitui um eficaz método do autoritarismo, que dá ao professor uma ilusão de eficiência como se fosse de sua própria escolha tal método de trabalho, nem sempre sendo possível questionar-se sobre seu próprio medo, seja pelas próprias repressões, seja por suas necessidades materiais.

Fragmentação libidinal e a perda da espontaneidade:

A fragmentação do saber e da prática pedagógica exige um pensamento mecanizado do docente. Decompor a complexidade da sala de aula em variáveis passível de processamento digital, pode levar a uma inibição do processo intuitivo pedagógico, da mobilização do próprio

pensamento e da espontaneidade - elementos essenciais para que a educação ocorra de modo auto-regulado.

Levando em consideração a possibilidade de atualização da teoria reichiana para o contexto atual, infere-se que esta necessidade de atuar conforme o *script* da plataforma provoca uma desvitalização da subjetividade do docente. O professor, para operar a máquina, suprime suas reações orgânicas, seu ritmo natural do processo de trabalho e sua subjetividade. Invariavelmente, a tendência será a do adoecimento psíquico, uma vez que o organismo, privado de sua capacidade autoreguladora, adoece sob a rigidez imposta pelo trabalho plataformizado.

Esta conjuntura poderia incidir, em alguns casos, a uma despersonalização do docente. Para Reich, o movimento de despersonalização é uma tática sofisticada de repressão, pois dificulta inclusive que o docente consiga identificar onde está o seu foco de sofrimento. Esta incapacidade de identificá-lo ocorreria quando o autoritarismo confunde o sujeito fazendo-o crer que tal dispositivo de controle seria de seu próprio desejo, levando-o a se conformar com os roteiros pré-definidos - impedindo a sua capacidade de organizar seu método de trabalho segundo seu próprio senso crítico.

Sendo assim, a plataforma torna-se o novo superego do docente, pois a validação profissional não depende mais da qualidade do contato pedagógico, mas da precisão métrica, subtraindo do trabalho docente seu sentido humano. O profissional torna-se mero operador da máquina, negligenciando suas necessidades orgânicas, emocionais e afetivas, em prol da integridade e manutenção do sistema de *software*.

Reich, em seu livro *Análise do Caráter*, referiu que: “O caráter neurótico sofre uma crescente estase da libido precisamente porque seus meios de satisfação não são adequados às necessidades do aparelho pulsional (...)” REICH, 2001 [1933a], p. 171.

Outro aspecto possível de ser investigado é o comportamento estático diante das telas, gerando um engessamento físico-motor, cansaço sensorial e cognitivo. A postura enrijecida do corpo, o olhar focado na tela, a posição dos braços e pernas durante um tempo que parece ultrapassar o razoável provoca uma alienação do sujeito em relação aos próprios processos corporais: o olho seca, a coluna dói, os braços adormecem e o sujeito ainda tem uma tarefa a cumprir em um tempo que se esvai (FARIAS, 2018).

É curioso como essa sociedade em que a tecnologia digital extrai a vitalidade do corpo, é a mesma que depois oferece um aplicativo digital que nos lembra de beber água. A cisão do sujeito é expressa na relação consigo mesmo, com suas tarefas e com as outras pessoas.

Em acréscimo, as interações com os alunos podem se tornar mais empobrecidas, dado que diminui a possibilidade de diálogo espontâneo, tendo de respeitar o tempo da máquina para que cada um interaja e fale pausadamente. Também o uso de interações mecânicas como a ‘mão virtual’, digitar no chat ou enviar emojis, quando não a drástica diminuição da participação do aluno e o desligamento das câmeras. Tais comportamentos parecem atrapalhar ou impedir a espontaneidade da interação por meio da fala, de gestos e reações corporais - naturais ao processo reflexivo - tornando a aula muitas vezes um monólogo exaustivo para o docente, o que pode gerar no professor uma forte sensação de solidão e inutilidade pedagógica.

A imprevisibilidade de uma discussão em aula presencial perde espaço para a linearidade da plataforma e a rarefação da afetividade, correndo o risco de que o processo de ensino-aprendizagem se converta em um laboratório de reprodução de indivíduos submissos e mecanizados, negando, assim, a própria possibilidade de liberdade pedagógica.

A percepção da existência do outro no ambiente plataformizado de educação diminui. Percepção esta fundamental para o processo de auto-regulação libidinal do docente, sendo que o contato visual não é somente uma convenção social, outrossim um ambiente de trocas em que o professor pode ‘ler’ a turma, ajustar seu tom de voz, perceber o interesse ou desinteresse da turma, entre outros aspectos. Do ponto de vista subjetivo, isto faz com que o docente fique privado de obter qualquer feedback bio-psíquico, levando-o a falar com o ‘vácuo’ e manter sua aula por mera obrigação laboral.

Ademais, esta falta de inter-relação, leva a uma hiperestimulação cognitiva para tentar ‘alcançar’ os alunos invisíveis, levando-o a uma exaustão em um ambiente em que nada lhe é devolvido.

Sendo assim, “(...) o esvaziamento do sentido da palavra do professor que com a implantação das plataformas digitais, dos “slides” e do controle sobre sua utilização não encontra tempo para o exercício da reflexão, da escuta, da dúvida e da sensibilidade. (SABIA *et al*, 2025).

Os comportamentos acima mencionados, poderiam ser analisados como uma ruptura afetivo-pedagógica, levando a considerar que este comportamento deixa de ser um mero detalhe técnico e passa a ser um sintoma da erosão da relação educacional. Parece que, em última instância, o adoecimento docente seria o resultado de uma incompatibilidade antropológica entre a capacidade criativa e relacional - próprias do ser humano - e a atual estrutura pedagógico-digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou recuperar a teoria de Wilhelm Reich para construir possíveis contribuições à crítica à plataformização da Educação, a partir da intensificação acelerada dos processos de adoecimento docente.

Em síntese, as contribuições reichianas nos permitem somar esforços na crítica à digitalização da vida a partir do entendimento de que a mediação tecnológica não é neutra e passa a constituir, de forma desumanizadora, os corpos e subjetividades dos profissionais da Educação e dos estudantes submetidos a essa lógica.

A resistência a este modelo discutido, requer uma reabilitação da presença subjetiva e corporal no processo pedagógico, o que levaria à exposição da estrutura de dominação contida na tecnologia educacional. É preciso que, enquanto sociedade, sejamos capazes de refletir e de construir relações pedagógicas e de trabalho em que seja possível às pessoas se realizarem e expressarem suas potencialidades de desenvolvimento.

O uso da tecnologia requer uma discussão que não valorize a técnica em si mesma, tendo como finalidade desconstruir a falsa ideia de progresso que a envolve. Construir espaços formativos ainda requer que tomemos a decisão enquanto coletividade de fortalecer uma escola democrática e humanizadora.

REFERÊNCIAS:

ALBERTINI, Paulo. **Reich**: história das ideias e formulações para a educação. São Paulo: Ágora, 1994. 104 p.

BARBOSA, Ricardo; SILVA, Amanda; ECHALAR, Joana. “Novas formas de trabalhar, novos modos de adoecer”: plataformização, intensificação do trabalho docente e adoecimento psíquico. **Colloquium Humanarum**, v. 23, e5192, mar. 2026. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/5192>.

BERNARDO, Jessica. **SP tem 95 afastamentos de professores diariamente por saúde mental**. Metrópoles, São Paulo, 15 nov. 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/sp-tem-95-afastamentos-de-professores-diariamente-por-saude-mental>.

FARIAS, Márcio Norberto. Vício pelas telas digitais: contribuições do pensamento de Christoph Türcke para a educação corporal. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 159-178, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/38718>.

FAUSTINO, Deivison Mendes; LIPPOLD, Walter. A hiperconectividade psicopolítica e a deficiência de conexão: “Cada qual na sua solidão”. In: **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. cap. 10, p. 129-141.

GARBIN, Mônica Cristina; RIBEIRO, Priscilla Ramos Lara; CIPOLI, Isabella Cristina Sena de Oliveira. Plataformização e controle pedagógico: disputas em torno da autonomia docente na rede estadual paulista. **Pro-Posições**, Campinas, v. 36, e2025c1402BR, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2025-0055BR>

MACÊDO JUNIOR, Gefferson Eusébio de; ALMEIDA, Gabriel Puopolo Alves de. Wilhelm Reich: Neoliberalismo e Tecnologia. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**, v. 11, n. 18, p. 66-78, nov. 2024. Disponível em: <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/190>.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **A educação em Wilhelm Reich**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. 261 p.

MÁXIMO, Maria Elisa. No desligar das câmeras: experiências de estudantes de ensino superior com o ensino remoto no contexto da Covid-19. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 235-247, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/sh4bXpyhyNmPgSH4snCTrKx/>.

MEIRELES, Jacqueline; ADÃO, Felipe da Silva Pinto. Plataformização da educação em tempos de colonialismo digital: reconfigurações da relação professor-estudante. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 46, e296486, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.296486>

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica**. São Paulo: Brasiliense, 1981 [1927].

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. Tradução de Ricardo Amaral do Rego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a [1933].

REICH, Wilhelm. **Psicanálise e materialismo dialético**. São Paulo: Martins Fontes, 1979 [1929].

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução de Maria da Graça M. Macedo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b [1933].

SABIA, C. P. P., Santos, L. L., & Mielo, E. G. (2025). O esvaziamento do sentido do trabalho e da palavra do professor: performatividade, plataformização e controle na Rede Estadual de Educação de São Paulo. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, 29, e025118. <https://doi.org/10.22633/rpge.v29i00.20975>

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 288 p.

SALVAGNI, Julice; VERONESE, Marília Veríssimo; FIGARO, Roseli. Plataformas digitais: o retrato contemporâneo da exploração no trabalho e os desafios à saúde do trabalhador. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 50, edsmsubj7, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6369/23322pt2025v50edsmsubj7>.

SILVA, Jerto Cardoso da; LEAL, Luiza Tamara Almeida; SCHMIDT, Stefanie; FUHR, Maiara da Silva; SARAIVA, Eduardo Steindorf. Saúde mental, adoecimento e trabalho docente.

Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, e242262, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262>.

UNESCO. **Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023**: tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem? Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por.